



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO EM LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MANUELA D'ARC DA SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO: contribuições das pesquisas
desenvolvidas pela Fundaj nos últimos 12 anos para a educação**

Caruaru/PE

2018

MANUELA D'ARC DA SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NA EDUCAÇÃO: contribuições das pesquisas
desenvolvidas pela fundaj nos últimos 12 anos para a educação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Profº. Dr. Janssen Felipe da Silva.

.

Caruaru/PE

2018

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S586r

Silva, Manuela D`arc da.

Relações étnico- raciais na educação: contribuições das pesquisas desenvolvidas pela Fundaj nos últimos 12 anos para a educação. / Manuela D`arc da Silva. – 2018.
50 f. il. : 30 cm.

Orientador: Janssen Felipe da Silva.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2018.

Inclui Referências.

1. Relações étnicas. 2. Fundação Joaquim Nabuco. 3. Pesquisa educacional. I. Silva, Janssen Felipe da (Orientador). II. Título.

CDD 370 (23. ed.)

UFPE (CAA 2018-379)

MANUELA D'ARC DA SILVA

**RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NA EDUCAÇÃO: contribuições das pesquisas
desenvolvidas pela Fundaj nos últimos 12 anos para a educação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia.

Aprovada em: 17/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Janssen Felipe da Silva (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Mestra Aline Renata dos Santos (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. Camila Ferreira da Silva (Examinadora Interna)

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Aos meus avôs Josefa e Rafael, "In Memorian", que foram essenciais para que eu pudesse estar aqui concluindo esse trabalho e com seus ensinamentos e exemplos de vida me ajudaram valores que foram fundamentais para minha formação humana. Eles que sempre foram exemplos de determinação, força e que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que sempre está do meu lado, atendendo minhas súplicas nos momentos de angústias e aflições, e nunca me deixa desistir daquilo que almejo.

Agradeço aos meus avôs Josefa e Rafael "In Memoriam", a minha mãe Jucieva, que em meio a tantas dificuldades, sendo mãe viúva, conseguiu criar suas filhas com a ajuda dos meus queridos avôs. Eles são meus exemplos de força e determinação.

Aos meus irmãos Rafaela e Vitor que me enchem de esperança e alegria, e torcem por mim e se alegram com minhas conquistas. Aos primos Ivaniele, Manoel e Ivanilson, que são os meus irmãos de criação, pois crescemos juntos, e sei que os mesmos torcem e vibram pelas minhas conquistas.

Agradeço também as minhas tias Cícera e Maria José que ajudaram a minha mãe na minha formação e da minha irmã, sem a ajuda delas eu não estaria aqui concluindo esse trabalho.

Agradeço também ao meu namorado Evair, que esteve do meu lado me ajudando no que era possível e sempre foi um companheiro que me ouvia e me alegrava nos momentos de tristezas e preocupações.

Meus agradecimentos a minha amiga Maria Mônica que é minha companheira da vida acadêmica, da Iniciação Científica (PIBIC), de trabalho. Sua amizade me fez ser uma pessoa melhor. Agradeço também a Renata Ribeiro, Dayseane Roberta, amigas de turma que estiveram comigo me apoiando, me alegrando em meio aos risos e lágrimas no decorrer dessa jornada, tornando os dias na universidade mais fáceis. Essas amigas quero levar para a vida.

Agradeço às pessoas que fizeram parte do grupo de Estudos Pós-Coloniais e Teoria da Complexidade na Educação: Denise Xavier, Filipe Gervásio, Alcione Mainar, Jéssica Lucilla, Michele Ferreira, Aline Santos, Iveni Silva, Almir João, Isaias Silva, Joelma Oliveira, Gleyssa Soares, Gilvania Gomes.

Agradeço as professoras e aos professores que contribuíram para minha formação, em especial a Carla Acioli, Joselma Franco, Fernanda Alencar, Ana Duarte, Alcione Mainar. Professoras/es que no decorrer do curso contribuíram de forma direta na minha formação, para além das aulas ministradas no decorrer do curso.

Minha gratidão imensa ao meu orientador Prof^o. Dr. Janssen Felipe da Silva, pelo cuidado, atenção, dedicação, paciência, rigorosidade para com minha formação pessoal, profissional e

acadêmica. Mesmo vendo todas as minhas dificuldades não desistiu de mim e me mostrou que sou capaz.

RESUMO

Este trabalho versa sobre as relações Étnico-Raciais na Educação: Relações Raciais na Educação: Contribuições das Pesquisas Desenvolvidas Pela Fundaj nos Últimos 12 Anos para a Educação. Temos como objetivo geral: Compreender as contribuições pedagógicas das pesquisas da Fundaj sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais. Como objetivos específicos: a) identificar e caracterizar os problemas, os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas; b) identificar as abordagens teórico-metodológicas das pesquisas; c) identificar as concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais presentes nas pesquisas; d) analisar as principais contribuições das investigações em questão para a Educação. A Abordagem Teórico-Metodológica são os Estudos Pós-coloniais Latino-americanos (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008; WALSH, 2007). Estes estudos colocam em questão os modelos teóricos eurocêntricos e suas metanarrativas, principalmente no que se referem à discussão da Relação Étnico-Racial. Na abordagem adotada frisamos o debate sobre Racionalização e Racialização, Colonialidade e Decolonialidade do Poder, do Saber e do Ser, Interculturalidade, Educação Intercultural e a Pedagogia Decolonial (WASLH, 2007; CANDAU, 2010) e suas relações com a Educação das Relações Étnico-Raciais. Metodologicamente esse trabalho se estrutura em uma Pesquisa Documental (OLIVEIRA, 2007). Como fonte de pesquisa utilizamos as pesquisas realizadas na Fundaj nos últimos 10 anos. Para tratar os dados utilizamos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977, VALA, 1999) que se efetivou em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material e; 3) tratamento e inferências. A primeira se realiza na retomada dos objetivos da pesquisa e pela seleção do material de investigação, ou seja, as pesquisas realizadas pela Fundaj. A segunda fase corresponde à exploração dessas pesquisas. A terceira fase do procedimento é o tratamento dos resultados e inferência. Essa fase trata da construção de uma rede de sentidos/significados em torno da temática em questão. A partir das análises concluímos que as pesquisas em questão trazem elementos dos povos negros que se aproximam da Decolonialidade e da Diferença Colonial, ou seja, mesmo com a tentativa da Colonialidade de reafirmar a não validade das identidades de povos negros e indígenas que não se enquadram com o padrão eurocêntrico, branco, masculino e cristão, evidenciamos nas pesquisas que há um reconhecimento desses sujeitos, que são expostos como sujeitos de direitos, que buscam igualdade, e se organizam para libertar das marcas deixadas pelo Colonialismo. No que se refere as contribuições pedagógicas as pesquisas evidenciam um debate sobre a educação cultural quando mostram os

elementos culturais dos povos negros a respeito dos grupos de maracatus-nação da cidade de Recife, e uma abordagem sobre uma Educação ambiental ao discutirem as religiões afro-brasileiras e sua ligação com a natureza.

Palavras-Chave: Educação das Relações Étnico-Raciais. Estudos Pós-coloniais. Pesquisas da Fundaj.

ABSTRACT

His work deals with Ethnic-Racial Relations in Education: Racial Relations in Education: Contributions of Research Developed by the Fundaj in the Last 12 Years for Education. We have as general objective: To understand the pedagogical contributions of Fundaj's research on the Education of Ethnic-Racial Relations. As specific objectives: a) to identify and characterize the problems, objects, subjects and empirical fields of research; b) identify the theoretical-methodological approaches of the research; c) identify the conceptions of Ethnic-Racial Relations Education present in the research; d) analyze the main contributions of the investigations in question to Education. The theoretical-methodological approach is the Latin American Postcolonial Studies (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008; WALSH, 2007). These studies call into question Eurocentric theoretical models and their metanarratives, especially as they relate to the discussion of the Ethnic-Racial Relationship. In the adopted approach we emphasize the debate on Rationalization and Racialization, Coloniality and Decoloniality of Power, Knowledge and Being, Interculturality, Intercultural Education and Decolonial Pedagogy (WASLH, 2007, CANDAU, 2010) and its relations with the Education of Ethnic-Racial. Methodologically this work is structured in a Documentary Research (OLIVEIRA, 2007). As a source of research we use the research carried out in Fundaj in the last 10 years. In order to treat the data, we used Content Analysis via Thematic Analysis (BARDIN, 1977, VALA, 1999), which was carried out in three phases: 1) pre-analysis; 2) exploitation of the material and; 3) treatment and inferences. The first one is done in the recovery of the objectives of the research and the selection of research material, that is, the research carried out by Fundaj. The second phase corresponds to the exploration of these researches. The third stage of the procedure is the treatment of results and inference. his phase deals with the construction of a network of meanings / meanings around the theme in question. From the analysis we conclude that the research in question brings elements of the black people who approach Decoloniality and the Colonial Difference, that is, even with the attempt of Coloniality to reaffirm the non-validity of the identities of black and indigenous peoples who do not fit with the Eurocentric, white, masculine and Christian pattern, we have shown in the surveys that there is a recognition of these subjects, who are exposed as subjects of rights, who seek equality, and organize themselves to free themselves from the marks left by Colonialism. As far as pedagogical contributions are concerned, research evidences a debate on cultural education when they show the cultural elements of the black people about the groups of maracatus-nation of the city of

Recife, and an approach on Environmental education when discussing Afro- and its connection with nature.

Keywords: Education of Ethnic-Racial Relations. Postcolonial Studies. Fundaj Rese.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E A DISCUSSÃO ÉTNICO-RACIAL	17
2.2	EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS E A PRODUÇÃO ACADÊMICA DE PESQUISA	21
3	PROCEDIMENTOS TEÓRICO E METODOLÓGICOS	24
3.1	CARACTERIZAÇÃO DAS FONTES DOCUMENTAIS: conhecendo a instituição de pesquisa fundaj	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
4.1	LEVANTAMENTO DAS PESQUISAS REALIZADAS PELA FUNDAJ E CARACTERIZAÇÃO DOS DADOS	26
4.2	CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS, OBJETOS, CAMPOS, EMPIRÍCOS, MARCOS TEÓRICOS E PRINCIPAIS ACHADOS DAS PESQUISAS	28
4.3	CARACTERIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DAS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERÊNCIAS	48

1- INTRODUÇÃO

Esta monografia constitui-se enquanto Trabalho de Conclusão de Curso-TCC do curso de Pedagogia, vinculado ao Núcleo de Formação Docente – NFD do Centro Acadêmico do Agreste na Universidade Federal de Pernambuco–UFPE. Nele evidenciamos como objeto de pesquisa o estudo sobre as contribuições pedagógicas existentes nas pesquisas realizadas pela Fundaj nos últimos 10 anos. Iniciamos esta discussão evidenciando a importância da inserção da Educação das relações Étnico-Raciais nos conteúdos curriculares da Educação no Brasil, mostrando também a importância de estudos em instituições de pesquisas sobre esta temática.

A educação das Relações Étnico-Raciais tem como um dos seus principais objetivos evidenciar o silenciamento/apagamento histórico, cultural e epistêmico dos diferentes grupos étnicos, dentre eles os Povos Indígenas e Povos Negros. Ressaltamos a relevância do direito dos diversos povos Étnicos-Raciais que constituem o Brasil de se dizerem, de narrarem e construírem suas próprias histórias.

A preocupação sobre a produção de pesquisa acerca da Educação das Relações Étnico-Raciais relaciona-se com a própria Legislação Nacional que tem regulamentado essa temática na educação escolarizada. Assim, quando se trata de instituições acadêmicas, que por meio de suas produções discutem temas relevantes no meio da educação, a Fundaj se destaca por ser uma instituição de pesquisa que tem contribuído com a produção intelectual em Pernambuco, no Nordeste e no Brasil. A mesma constitui-se de uma pluriversidade, isto é, de um universo diverso de correntes teóricas. Assim, entendemos a necessidade de compreender em que medida as pesquisas desenvolvidas na Fundaj sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais têm problematizado o Mito da Democracia Racial e sua relação com o campo pedagógico. Como também questionar quais contribuições pedagógicas sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais são celebrados nas investigações desta Instituição?.

Neste momento, trataremos dos elementos para justificar nossa pesquisa que se constitui a partir de inquietações que são materializadas no meu trajeto pessoal, acadêmico e social. Na trajetória pessoal assim como a maioria das pessoas tive uma formação escolar em que pouco se problematizou as questões Étnico-Raciais, mesmo com a implementação das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 que modifica a LDB/96, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Cultura Indígena. Dessa forma, apenas quando entrei na Universidade, em 2014 tive o contato com diversas discussões, incluindo as questões de raças, gênero e entre outras. E neste mesmo período minha primeira sobrinha nasceu, e sendo uma criança negra logo no início sofreu muitos preconceitos de familiares e amigos da família, dentre os comentários dirigidos a cor da menina tinham: “nossa mais é pretinha, não puxou aos pais”, “mais ela vai clarear a pele quando crescer”, “ela não é negra é moreninha”. Presenciando

esses tipos de comentários percebi o quanto o racismo está enraizado nas pessoas, e o quanto isso pode afetar a vida de quem sofre essa discriminação, fiquei me perguntando como seria difícil para minha sobrinha crescer e viver em uma sociedade que julga o outro pela cor da pele.

Assim, na Universidade no curso de Pedagogia tive a oportunidade de entender melhor o porquê de existir o preconceito racial, e de me posicionar e poder ajudar minha irmã a saber lidar com essas situações de racismo expostas a minha sobrinha, pois foi através da minha formação acadêmica que surgiu o interesse de discutir as Relações Étnico-Raciais, e tudo começou quando cursei a disciplina Programas e Currículo no 4º período, me apaixonei pela disciplina por tratar questões tão relevantes para nossa formação e que muitas vezes é silenciada em nossa sociedade dentre elas estão as questões de raças. Logo após cursar essa disciplina, comecei a ter acesso às discussões desenvolvidas no bojo de outros ¹componentes curriculares ofertados e cursados, às participações de atividades acadêmicas/ científicas como: ²Pesquisas de Iniciação Científica, ³grupo de estudo, seminários, congressos, mesas redondas em articulação com leituras que discutiam a diferença cultural dos povos que constituíram a nação brasileira, principalmente sobre Etnia e Raça.

A curiosidade política e epistêmica de querer compreender em que medida as contribuições pedagógicas das pesquisas desenvolvidas na Fundaj sobre a Relações Étnico-Racial tem colocando em questão as condições epistêmicas e políticas subalternizadas e silenciadas daqueles e daquelas que foram historicamente racializados. Mas também saber em que direção política e epistêmica segue as perspectivas teórico-metodológicas, isto é, são Tradicional, Crítica ou Pós-Crítica. Dessa maneira, evidenciamos a relevância social desta pesquisa, porque entendemos que a produção acadêmica de pesquisa expresse um conhecimento constituído da pluralidade epistemológica e identitária para melhor dialogar com as diferenças constituintes da realidade.

Dessa forma, no intuito de identificar como os/as pesquisadores/as brasileiros/as vêm abordando o nosso objeto de estudo, realizamos um levantamento das pesquisas, através dos

¹ - Educação Intercultural (EDUC0038) - 45 horas; Movimentos Sociais e Educação (EDUC0036) - 60 horas; Tópicos Especiais em Educação - Racismo e para as Relações Étnico-Raciais (EDUC0155) - 60 horas.

² - Participação em duas pesquisas de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq, Intituladas: a) Representações da Cultura Indígena nos Livros Didáticos Aprovados pelo PNLD/CAMPO-2013, desenvolvida em 2015 e, b) Contribuições das Pesquisas da Fundaj sobre a Relação Étnico-Racial na Educação nos Últimos 10 anos, desenvolvida no período de 2016 a 2017 e c) Bases Epistêmicas e Contribuições Pedagógicas das Pesquisas Sobre a Relações Étnico- Raciais Desenvolvidas pela da Fundaj desenvolvidas no período de 2017 a 2018.

³ - Grupo de Estudos Pós-coloniais e Teoria da Complexidade em Educação, coordenado pelo Prof. Dr. Janssen Felipe da Silva- CAA/UFPE.

trabalhos apresentados na ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). Esta associação sem fins lucrativos, fundada em 1976, congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores/as e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores/as da área. Está organizada em 23 Grupos de Trabalho (GT) instâncias de aglutinação e socialização do conhecimento, produzidas pelos/as pesquisadores/as de áreas de conhecimentos específicos, no cenário educacional

O período estabelecido para o levantamento foi de 2010 a 2015. Este recorte temporal justifica-se por compreendermos que esse período possibilita ao pesquisador se aproximar das mais atuais discussões da área pesquisada. Este marco temporal compreende da 33ª a 37ª reunião, totalizando 5 anos. Assim, concentramos os estudos/análises das comunicações orais de dois Grupos de Trabalho (GT):

GT 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais – é integrado por pesquisadores/as e pesquisadores/as negros/as e não-negros/as, cuja produção científica está localizada na área das Relações Étnico-Raciais e Educação. A escolha por este Grupo de Trabalho (GT) alicerça-se no pressuposto de que é nele que encontramos de forma mais concentrada os trabalhos que versam sobre o objeto de pesquisa: pesquisas que discutiram sobre o tema da Educação das Relações Étnico-Raciais.

Quadro 01-Levantamento de Pesquisas da ANPED Realizadas nos Períodos de 2010 e 2015		
REUNIÕES	GT 21 – Educação e Relações Étnico-Raciais	
	TOTAL DE TRABALHOS	RELAÇÃO COM O OBJETO
33º-2010	13	01
34º-2011	30	00
35º-2012	22	00
36º-2013	18	00
37º-2015	29	01
TOTAL	112	02

Fonte: quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br/>

A partir desses dados gerais, evidenciamos que, encontramos duas dissertações que se relaciona com o objeto de estudo, como pode ser visualizado no quadro a seguir:

Quadro 02- Pesquisas encontradas que se assemelham com o nosso objeto de estudo.

Reunião	Títulos	Autor	Universidade
33º	Processos De In/Exclusão Na Universidade: Um Olhar Sobre A Pesquisa Acadêmica e a Questão Étnico racial	Michele Barcelos Doebber	UFRGS
37º	A Produção Acadêmica Sobre A Imagem Do Negro No Livro Didático: Estado Do Conhecimento (2003-2013)	Tânia Mara Pedroso Müller	UFF/USP

Fonte: quadro construído a partir dos dados contidos no site da ANPED, disponível em: <http://www.anped.org.br/>

Frente a análise das produções científicas apresentadas na ANPED, que constitui nosso Corpus Documental, buscamos realizar nossas reflexões e inferências, no que se refere à discussão sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais da qual vamos situar o primeiro trabalho intitulado Processos De In/Exclusão Na Universidade: Um Olhar Sobre A Pesquisa Acadêmica e a Questão Étnico racial da autora Michele Barcelos Doebber. Doebber buscou analisar em sua pesquisa de mestrado o desenvolvimento do Programa de Ações Afirmativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, problematizando as práticas de in/exclusão de alunos negros no cotidiano desta instituição. Em um primeiro momento da pesquisa de mestrado procurou mapear tais práticas olhando para o tripé da universidade - ensino, pesquisa e extensão - para analisar como cada um desses setores busca participar da inclusão deste perfil de aluno e de que forma têm colocado em pauta a temática Étnico-Racial.

Esta pesquisa se aproxima como o nosso objeto de estudo, por fazer um levantamento de produções acadêmicas em especial de Iniciação Científica, que focaram seus estudos, em aspectos relacionados aos povos negros. Dessa forma as produções acadêmicas em questão tornam-se fontes de estudos e trazem sentidos sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais.

A segunda pesquisa intitulada: a Produção Acadêmica Sobre A Imagem Do Negro No Livro Didático: Estado Do Conhecimento (2003-2013) da autora Tania Pedrosa Muller. Autora em sua pesquisa objetivou mapear a produção acadêmica brasileira sobre Imagem do Negro no Livro Didático, Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado produzidas entre os anos de 2003 e 2013, disponibilizadas nos bancos de dados de Teses da Capes, da BDTD, e do Domínio Público. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uso de procedimentos quantitativos. Realizamos um levantamento bibliográfico, organização e classificação dos resultados com bases nas técnicas dos estudos do tipo “Estado do Conhecimento”. Evidenciamos o quantitativo; os contextos; a frequência regional e temporal; áreas de conhecimento; universo e objetivos; principais metodologias; e síntese das e conclusões. E constatamos importante

aumento de pesquisas sobre a temática no período por influência da Lei nº 10.639/2003. Do mesmo modo, a referida Lei impactou a organização dos livros didáticos, escolhas de conteúdo e imagem, os autores e os editais do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. No entanto, ainda persiste o uso de imagem estereotipada do negro e da África.

Esta pesquisa foi a que mais se aproximou do nosso estudo, a mesma faz um levantamento aprofundado de pesquisas acadêmicas que discutiram temas relacionados a imagem do negro no livro didático em dissertações de mestrado e teses de doutorados focando o estudo nas principais metodologias utilizadas, objetivos conclusões, áreas de conhecimentos, estes elementos serão utilizados em nosso estudo sobre as pesquisas da Fundaj.

A análise aqui realizada evidencia, sobretudo, o silenciamento no campo de estudos sobre produções científicas, que se refere a discussões sobre povos negros e povos indígenas. É a partir dessas reflexões que formulamos a seguinte questão problema: Quais contribuições pedagógicas das pesquisas da Fundaj para a discussão da Educação das Relações Étnico-Raciais?

Para buscarmos responder ao nosso problema de pesquisa elegemos como objetivo geral: Compreender as contribuições pedagógicas das pesquisas da Fundaj sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais. Como objetivos específicos, elencamos a) identificar e caracterizar, os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas; b) identificar as abordagens teórico-metodológicas das pesquisas; c) identificar as concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais presentes nas pesquisas; d) analisar as principais contribuições das investigações em questão para a educação.

Assim, evidenciamos que para o tratamento do objeto de pesquisa, adotamos a Abordagem Teórico-Metodológica dos Estudos Pós-Coloniais que fomentam discussões e reflexões sobre o processo perverso do colonialismo e colonização, que ocorreu entre a Europa e América. Diante do exposto e a título de organização deste trabalho, subdividimo-lo da seguinte forma: a) Estudos Pós-Coloniais e a Discussão de Raça, b) Educação das Relações Étnico-raciais e a produção acadêmica de pesquisa.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1- Os Estudos Pós-Coloniais e a Discussão Étnico-Racial

Nesta seção discutimos sobre os Estudos Pós-Coloniais que fomentam discussões e reflexões sobre o processo perverso do colonialismo e colonização, que ocorreu entre a Europa e América. Estes estudos nos ajudam a compreender, que o racismo é resultado de uma construção mental da ideia de raça, fruto de um padrão de dominação colonial fundado na racionalidade eurocêntrica.

A discussão que esses Estudos fazem ajuda-nos a compreender que o processo de Colonização-Colonialismo está associado à discussão de Raça. Este conceito passa a ser usado nas relações entre classes e grupos sociais, a fim de legitimar as relações de dominação e de submissão entre as classes e os grupos. Através da ideia de Raça se constituiu dois pilares da construção da sociedade moderna colonial patriarcal capitalista: a Racialização e a Racionalização. O primeiro processo intencionou, por meio de explicações biológicas, justificar a superioridade de uma classe ou grupo social sobre a outra, com isso, os povos que se distanciavam da classificação do homem europeu, branco, heterossexual, cristão e urbano, seriam biologicamente inferiores (MIGNOLO, 2005).

O segundo processo relacionado à Racionalização emerge para argumentativamente naturalizar e normalizar a condição de inferioridade, criando uma única e válida epistemologia, a dos colonizadores. Assim, os povos negros e indígenas foram designados à naturalização da condição de escravo e servo, tornando “natural” e “normal” a superioridade/inferioridade como argumento para o domínio colonial. É a maneira racional de justificar a não validação de epistemes outras, como por exemplo: é o caso das epistemes dos povos negros, indígenas e ciganos.

Sendo assim, por meio do processo de Racionalização o racismo epistêmico se materializa, passando a determinar uma única epistemologia válida. Assim, os povos europeus passam a ser os únicos detentores e legitimadores dos conhecimentos, desconsiderando as demais formas de produzir conhecimentos (QUIJANO, 2007).

No que tange, o processo de Colonização/Colonialismo que ocorre com a invasão da Abya Yala (um dos nomes usados pelos indígenas antes da invasão dos europeus). Entendemos como a configuração e reconfiguração do padrão de poder estabelecido pelo Colonialismo, que embora forjado no seio deste prevalece até os dias atuais. Tal padrão de poder, refere-se à forma

como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131). Possibilita, assim a materialização da lógica moderna/colonial e se estrutura em diversos eixos de domínio, entre eles: Poder, Ser, Saber (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005).

A Colonialidade do Poder opera primordialmente no controle e exploração do trabalho a partir da lógica Moderna/Colonial/Capitalista. Este eixo pode ser compreendido na atualidade através da instrumentalização e mecanização dos trabalhos/conhecimentos e manutenção da lógica de consumo (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005).

Neste viés, surgem o que os autores chamam de “diferença colonial” de Mignolo e conceito este que parte da “colonialidade do poder”, desenvolvido por Aníbal Quijano a partir de 1992, conforme já abordado acima. Quijano articula (1992, 2005) a nova relação de poder instituída a partir da “descoberta” da América ao menos em três dimensões: (1) econômica, com um amplo processo de exploração desde o mercantilismo do século XVI até o desenvolvimento maduro do capitalismo, com diversos tipos de explorados: o proletário (inicialmente) branco, o servo indígena, o escravo africano, por exemplo; (2) identitária, com o processo crescente de consolidação das “raças”, incluindo a própria autoidentificação do “branco” europeu, processo que deriva no racismo científico do século XIX; (3) epistemológica, a partir da imbricação fundamental na relação sujeito-objeto, com concomitante fortalecimento de novas dualidades, como cultura-natureza, mente-corpo, entre outras, que favoreceram mecanismos de controle cada vez maior. Além disso, faz parte dessa configuração uma ênfase à ideia política e epistemológica de indivíduo.

O grande aporte trazido por Quijano decorre da profunda imbricação entre esses três aspectos. Exemplo: os mecanismos de exploração operados desde o mercantilismo só são possíveis de serem materializados a partir da diferenciação das raças e, nelas, porque os povos subjugados são tratados prioritariamente como “objetos”, “natureza” e “matéria-prima” da ação do “sujeito” europeu. Nessa perspectiva, poderíamos dizer, para usar uma terminologia marxista, que a “infraestrutura” (item 1) se constitui e materializa em profunda conexão com um modo particular de “superestrutura” (itens 2 e 3), imbricação que já torna ao menos parcialmente anacrônica a própria separação nesses termos. Mignolo parte explicitamente do conceito de colonialidade do poder para pensar a diferença colonial. Esta é definida assim:

Mignolo parte explicitamente do conceito de colonialidade do poder para pensar a diferença colonial. Esta é definida assim: A diferença colonial é o espaço onde emerge a colonialidade do poder. A diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem; é o espaço onde os

projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados. A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta (2003, p. 10).

Há alguns aspectos importantes a ressaltar a partir dessa citação. Em primeiro lugar, vale a pena registrar a insistência de Mignolo em abordar a diferença colonial inserida em um espaço. Esta insistência é mais bem compreendida se percebermos, ao longo do seu livro, que ele pensa a transformação da ideia de progresso ao final do século XVIII como a conquista de uma primazia do tempo em relação ao espaço: “a partir do século 18, o tempo reordenou a história universal e tornou-se a ‘essência’ da modernidade” (2003, p. 385). Em contraposição, Mignolo defende uma historiografia que “espacializa o tempo e evita narrativas de transição, progresso, desenvolvimento e pontos de chegada” (2003, p. 281).¹ Assim, pensar a diferença colonial como um “espaço” parece significar, para Mignolo, a retomada essencial desses lugares de confrontação, sem permitir que as “histórias locais” subalternas sejam pensadas como meras possibilidades “em extinção” a serem superadas pelo caminho avassalador do progresso.

No que se refere a Colonialidade do Saber se materializa principalmente na definição das epistemes/conhecimentos é por meio dela que há o estabelecimento de um lócus de enunciação de conhecimentos (Europa) e há a inviabilização das outras formas de saber que são invisibilizadas e silenciadas (saberes dos povos indígenas, quilombolas, do campo, das mulheres, etc.). Desta forma, as epistemes válidas estabelecidas pelo padrão de dominação servem para inferiorizar e desqualificar as outras formas de produção de conhecimento (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005).

Arelada a Colonialidade do Saber visualizamos a Colonialidade do Ser que estabelece um padrão de SER que se baseia numa lógica masculina/branca/heterossexual/cristã europeia ou europeizada para definir como o SER deve se apresentar. Neste sentido, o padrão de ser humano instituído por este eixo da Colonialidade invisibiliza e inferioriza todas as diferenças humanas, impondo aos outros modos de vida e cultura (povos negros, povos quilombolas, indígenas, ciganos, povos do campo, mulheres, pessoas homossexuais e transexuais) a condição de não ser (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2005). Ou seja, através da inferiorização e subalternização, desumaniza o outro, por meio da negação sistemática do estatuto de humanidade do outro, como foi feito aos africanos e indígenas no âmbito do colonialismo. A Colonialidade do Ser faz com que o subalternizado\o não questione a situação imposta pela

Colonialidade (do Poder e do Saber). E fazê-lo acreditar que realmente é de uma raça inferior, por isso deve se submeter aos desígnios da raça superior.

A Colonialidade da Natureza (WALSH, 2008), anuncia uma nova dimensão que coloca em evidência a divisão binária entre o homem e a natureza, que o homem concebe os elementos naturais meramente como fonte de exploração, alicerçada a concepção mercantilista, oriundos do capitalismo. Dessa forma os povos indígenas se constituem com um elemento da natureza, devido seu pertencimento a Terra. Nessa lógica justifica-se a colonização/exploração desses povos.

Na contramão da Colonialidade, os povos indígenas que foram/são historicamente silenciados, lutam e resistem a esse processo de dominação por intermédio da Decolonialidade (MIGNOLO, 2008) que se constitui enquanto um projeto político que objetiva à transformação e de ações outras libertas das amarras coloniais. A partir da opção decolonial, compreendemos que os povos negros e indígenas têm suas culturas não estão cristalizados no período da colonização. Desse modo, evidenciamos que tensão existente entre os povos que se auto dominam superiores e os que são considerados por esses como povos inferiores, resultam na construção da Diferença Colonial, que colocam em questão os valores culturais e as epistemologias que outrora/atualmente foram/são sonegadas (MIGNOLO, 2008) e invalidadas pela cultura hegemônica.

A lógica da Interculturalidade Funcional e da Interculturalidade Crítica, que se constituem na sociedade se manifestam também pelos processos educativos, Walsh (2008) chama atenção para a Educação Intercultural Funcional e a Educação Intercultural Crítica. A Educação na perspectiva da Intercultural Funcional vincula-se a uma ideia neoliberal que se anuncia a favor do “respeito” a diversidade sociocultural. No entanto, tente a folclorizar os saberes e as manifestações culturais dos povos que foram/são historicamente silenciados. No entanto, a Educação fundada na perspectiva da Interculturalidade Crítica se configura enquanto força de questionamento sobre as relações de subalternização impostas aos povos colonizados, a exemplo temos os Povos Indígenas, e Povos Africanos que tem suas marcas identitárias homogeneizadas, em prol a construção da “cultural nacional”.

Assim, esses estudos apontam para a construção de novas epistemologias e paradigmas de análise sócio-cultural, agindo na valorização de saberes não hegemônicos que provém dos países periférico, que significa pensar a partir das ruínas, das experiências e das margens criadas pela Colonialidade na estruturação do mundo moderno/colonial, no intuito de produzir um intervir em um outro horizonte epistemológico.

2.2- Educação das Relações Raciais e a Produção Acadêmica de Pesquisa

A luta pela igualdade de direitos para a população afro-descendente no Brasil não terminou com o fim do regime escravocrata. É aí que ela começa, pois a Lei Áurea e as outras que a precederam não deram conta de assegurar direitos à população liberta e a seus descendentes. Como afirma Cunha:

Além de sermos uma sociedade forjada na construção de um escravismo criminoso, a abolição foi realizada sem uma ampla revisão de direitos e necessidades da população negra. Ao contrário, as políticas republicanas sempre foram da “negação do Brasil” e da europeização do país. As políticas cultural e educacional são exemplos importantes deste esforço, onde nós encontramos uma constante “folclorização”, simplismos, desprezo e perseguição à cultura africana e afrodescendente (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 7).

Sendo assim, continuaram na marginalidade, sem direito à terra, trabalho digno, educação, saúde ou habitação, constituindo a parcela mais empobrecida da população brasileira até hoje. Como revelam as pesquisas recentes realizadas pelo IBGE:

As desigualdades raciais manifestas em todos os indicadores aqui analisados expressam a recorrente exclusão social à qual homens e mulheres, identificados como pretos ou pardos, são submetidos ao longo do percurso de suas vidas. Sistemáticamente desfavorecidos quanto às condições de moradia, assistência médico-sanitária, escolaridade, emprego e renda, para mencionar os mais importantes fatores de exclusão. Este segmento populacional de ascendência africana e indígena também apresenta maiores níveis de mortalidade infantil, menores valores de esperança de vida ao nascer, maiores índices de mortalidade de jovens e maiores proporções de mortalidade de gestantes. (Síntese de Indicadores Sociais do PNAD/IBGE, 2007, p. 182).

Diante das pesquisas expostas pelo IBGE, é evidente que os povos negros vivem numa situação inferior se comparados com a população branca. Os mesmos não têm as mesmas condições de vida, de acesso à educação, saúde, lazer e moradia vivem à margem da sociedade.

Ao longo do tempo o Movimento Negro, pós-abolição encampou inúmeras lutas para a formulação de atitudes em defesa da população negra, conforme descreve Cunha:

um foco de origem dos movimentos sociais negros é resultante das ações sociais de luta pela abolição do escravismo criminoso e da insatisfação dos resultados práticos da abolição. [...] Outra origem que deve ser considerada ao aparecimento destes movimentos sociais no meio negro foi o conjunto de políticas imigratórias europeias que se configuravam como políticas racistas contrárias aos interesses e à estabilidade social, econômica e política das populações negras. Além destas organizações de protesto e formulação direta

de luta política devemos considerar a existência de instituições culturais e religiosas que defendem, de certa maneira, a consolidação de uma expressão cultural negra. (CUNHA JUNIOR, 2008, p. 3).

Dessa forma, os sujeitos subalternizados, em especial negros e índios, foram resistindo e se assumindo enquanto corpos políticos de enunciação, reivindicando a sua condição epistêmica na sociedade, encontrando nos espaços, nas formas e nos conhecimentos negados as condições de produzir outros modelos epistêmicos que vão para além dos postulados modernos colonialistas e imperialistas, lutando por uma educação que atenda aos imperativos de uma Educação das Relações Étnico-Raciais.

Muitas vitórias foram conquistadas, sendo uma delas a aprovação da Lei 10639/03, que altera a Lei nº. 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Básica. A Lei 10639/03 introduziu na LDBEN a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana afro-brasileira. Em março de 2008, entrou em vigor a Lei 11.465/08, que novamente alterou o Art. 26-A da LDBEN, acrescentando a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Indígena, juntamente com o estudo de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Contudo há que se ressaltar que a Lei 10639/03 continua em vigor, mesmo com o advento a Lei 11.645/08, e desse modo, como este trabalho se refere apenas à história e cultura africana e afro-brasileira, será usada como referência a Lei 10639/03, sem desconsiderar as modificações produzidas pela nova legislação.

De acordo com Wedderburn (2005, p.160), “os pesquisadores incumbidos (as) da missão do estudo das questões afro-brasileira e africana se viram obrigado (as) durante longo tempo a demolir os estereótipos e preconceitos que povoam as abordagens sobre essa matéria”. E nessa perspectiva, cabe primeiro aos pesquisadores internalizar o compromisso para um estudo que leve em conta a pluralidade étnico-racial e cultural do contexto brasileiro, se esvaziando da imposição eurocêntrica que por muitos anos permeou a história dos povos negros e indígenas no Brasil. Por isso, a implementação da Lei 10.639/03 e da Lei 11.645/08 é mais do que uma política educacional a ser cumprida no ambiente escolar e na produção acadêmica de pesquisa elas são uma reparação da desigualdade racial que é real, criminosa e permeia a sociedade brasileira de forma tão naturalizada que parece não existir.

Dessa forma, a pesquisa assentada na Perspectiva Tradicional tende a expressar no conhecimento científico à subalternização das Culturas Negras e Indígenas. A primeira subalternização se dá na construção da pesquisa, quando é pensando a partir de uma realidade

acadêmica asséptica. A segunda subalternização se dá na constituição de seus sujeitos pensantes, ou seja, a pesquisa é elaborada enquanto um instrumento técnico feito por especialista que pensam academicamente. A terceira subalternização ocorre quando tais especialistas usam de procedimento e de critérios de seleção epistêmica que validam epistemes daqueles e daquelas que pertencem às classes e aos grupos sociais hegemônicos. Estas subalternizações se articulam e se atrelam a Colonialidade do Saber e do Ser (QUIJANO, 2005), que se sustenta na negação de outras formas de conhecimento e identidade que não estejam centradas na geopolítica do conhecimento eurocêntrico.

A Perspectiva Tradicional de conceber e realizar pesquisa fundado no eurocêntrico tem a missão de “difundir e consolidar uma cultura comum de base ocidental e eurocêntrica, silenciando e/ou inviabilizando vozes, saberes, cores, crenças e sensibilidades” (CANDAU; RUSSO, 2010, p. 154). Para se contrapor a visão eurocêntrica de pesquisa é fundamental que:

señala y significa procesos de construcción de un conocimiento otro, de una práctica política otra, de un poder social (y estatal) otro y de una sociedad otra; una forma otra de pensamiento relacionada con y contra la modernidad/colonialidad, y un paradigma otro que es pensado a través de la praxis política (WALSH, 2007, p. 47).

Nesta linha de raciocínio, as epistemologias outras não são meras coadjuvantes na constituição sócio-político-cultural-econômica da pesquisa, mas protagonistas nos diálogos epistêmicos na direção de uma perspectiva emancipatória, inclusive de Raça e de Etnia.

Sendo assim, as pesquisas, em especial as que tratam da Relação Étnico-Racial na educação, têm a possibilidade de dialogar com os conhecimentos críticos-propositivos transgressores à episteme moderna, no qual a representação e os significados atribuídos ao conhecimento ultrapassem os meros estereótipos eurocêntricos coloniais de conhecimento científico válido.

3- PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos a metodologia adotada para que possamos desenvolver a referente pesquisa. Desse modo, evidenciaremos: a) a abordagem metodológica que faremos uso; b) o tipo de pesquisa; c) as fontes documentais da pesquisa que constituem o nosso campo empírico; d) os critérios de seleção dessas fontes e e) os procedimentos de análise e caracterização das fontes documentais.

Esta pesquisa objetiva compreender as contribuições pedagógicas das pesquisas da Fundaj sobre a Relação Étnico-Racial na Educação nos Últimos 12 anos. Assim, este estudo, centra-se na abordagem metodológica de cunho qualitativo que “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p. 21).

A partir da abordagem qualitativa, e visando atender nosso objetivo de pesquisa nos aproximamos da Pesquisa Documental, que, segundo Oliveira (2007, p. 69), “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico”. Nesse sentido, evidenciamos que as pesquisas da Fundaj se constituem enquanto um desses documentos passivos à análise.

No que se refere às fontes documentais dessa pesquisa, faremos uso das pesquisas concluídas pela Fundaj nos últimos 12 anos, que ocorreu entre os anos de 2000 a 2012. Desse modo, evidenciamos que a Análise do Conteúdo via Análise Temática, segundo Bardin (1977) ocorre em três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e inferências. A primeira se materializa por meio da seleção do material de investigação e da retomada dos objetivos e dos pressupostos iniciais da pesquisa. A segunda fase da Análise Temática corresponde à exploração do material. Esse procedimento diz respeito à codificação dos dados, transformando os dados brutos em núcleos de compreensão, para deles inferirmos significados.

A terceira fase do procedimento da Análise Temática é o tratamento dos resultados e inferências. Esse procedimento trata da construção de uma rede de sentido e de significados em torno da temática em questão, que serão realizadas com base na abordagem teórico-metodológica dos Estudos Pós-coloniais, levando em consideração os dados coletados nas pesquisas da Fundaj.

3.1 Caracterização das fontes documentais: conhecendo a instituição de Pesquisa Fundaj

A Fundaj é uma fundação pública com regime de direito privado, vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. Sediada no Recife em Pernambuco, foi fundada em 1949 com o propósito de preservar o legado histórico-cultural de Joaquim Nabuco com ênfase nas regiões Norte e Nordeste. Idealizada pelo sociólogo Gilberto Freyre em 1947, a fundação foi criada como Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em homenagem ao político abolicionista que em 1949 se comemorava o centenário de seu nascimento. Após instalar-se provisoriamente em prédio alugado, em 1949 veio finalmente a instalar-se em sua sede definida e atual.

Em relação a sua estrutura física a Fundaj mantém os seguintes espaços culturais, cineteatro José de Carlos Cavalcanti Borges, Galeria Baobá, Galeria Vicente do Rego Monteiro, Galeria Massangana, Galeria Waldemar Valente, Memorial Joaquim Nabuco, sala Mauro Mota de exposição permanente, Biblioteca Central Blanche Knopf e a Biblioteca Nilo Pereira. A mesma é composta por três diretorias, estas são: Diretoria de Pesquisas Sociais; Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte; Diretoria de Formação e Desenvolvimento Profissional. A Fundaj ainda oferece cursos de pós-graduação *latu sensu* e mestrados. Os mestrados são: Mestrado em Ciências Sociais para o Ensino Médio; Mestrado em Educação, Culturas e Identidades (em associação com a UFRPE).

As pesquisas que nós iremos utilizar fazem parte da Diretoria de Pesquisas Sociais, e as mesmas são produzidas de maneira independente pelos próprios pesquisadores. Tivemos acesso a essas pesquisas por meio de arquivos em PDF, que foram enviados por e-mail pela própria instituição.

4- RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento apresentaremos os achados e os resultados das pesquisas, sendo assim pontuamos no primeiro momento o levantamento das pesquisas realizadas pela fundaj no período investigado, as pesquisas selecionadas e um breve resumo das mesmas, do qual destacamos seus principais objetivos, e por fim mostraremos nossas análises dos dados da qual dividimos duas partes sendo a primeira caracterização dos dados referentes aos os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas e as abordagens teórico-metodológicas das pesquisas, e a segunda faremos as análises das concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais e as principais contribuições pedagógicas das investigações em questão

4.1-Levantamento das Pesquisas realizadas pela Fundaj e Caracterização dos Dados.

De posse dessas pesquisas, evidenciamos que o levantamento feito na instituição campo de pesquisa corresponde a um período de 12 anos. No Quadro a seguir mostramos a quantidade de pesquisas realizadas em cada ano.

Quadro 03- Quantidade de Pesquisas Concluídas pela Fundaj nos Anos de 2001 a 2012.

QUADRO-03 QUANTITATIVO DE PESQUISAS CONCLUÍDAS PELA FUNDAJ NOS ANOS DE 2000 A 2012	
Ano	Números de pesquisas
2001	5
2002	5
2003	3
2004	1
2005	8
2006	12
2007	17
2008	13
2009	6
2010	13
2011	10
2012	6
Total	99

Fonte: www.fundaj.gov.br/

Do quantitativo de 99 pesquisas realizadas no período investigado, encontramos apenas 6 que trabalharam com a Educação das Relações Étnico-Raciais e focam os elementos da Cultura Negra. No Quadro a seguir mostraremos o tema de cada pesquisa, o autor e ano.

Quadro 04- Temas das Pesquisa que Estudaram Sobre a Cultura Afro-brasileira.

Quadro 04- Temas das Pesquisas que Estudaram Sobre a Cultura Negra.		
ANO	AUTORES	TEMA DA PESQUISA
2003	Waléria Menezes	À Flor da Pele – A violência do preconceito dirigido às crianças negras na escola – Educação e Racismo: a representação do negro no espaço escolar
2006	Sylvia Couceiro	No Ressoar dos Tambores: práticas e representações na história dos maracatus-nação no Recife(1920-1960).
2009	Ronaldo Sales Júnior-Pesquisador Visitante	Negritude e Africanidade: identidade negra e candomblé nas políticas públicas em Pernambuco e Bahia.
2010	Rosalira dos Santos Oliveira	Kossi Ewé Kossi Orixá: Percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa.
2011	Henrique Guimarães	Transmissibilidade Intergeracional, Pobreza e Desigualdade Racial: visões e percepções.
2012	Rosalira dos Santos Oliveira	NEGOCIANDO A TRADIÇÃO Religiões afro-brasileiras e esfera pública

Fonte: www.fundaj.gov.br/

Diante desses dados, evidenciamos um percentual de 6,06% das pesquisas que discutem o tema. Após o levantamento feito na instituição campo de pesquisa, iremos fazer um breve resumo sobre o que basicamente cada pesquisa quis discutir. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 05-Título e Resumo das Pesquisas Utilizadas:

Quadro 05-Título e Resumo das Pesquisas Utilizadas	
TÍTULO DA PESQUISA	RESUMO
À Flor da Pele – A violência do preconceito dirigido às crianças negras na escola – Educação e Racismo: a representação do negro no espaço escolar	O estudo buscou compreender como se constroem as relações raciais no espaço escolar entre crianças negras e brancas com idades entre nove e onze anos que estão cursando o Ensino Fundamental I de uma escola pública. A metodologia adotada foi do tipo qualitativa, incluindo nos instrumentos de coleta de dados questionários e entrevistas semiestruturadas.
No Ressoar dos Tambores: práticas e representações na história dos maracatus-nação no Recife (1920-1960).	A pesquisa surge através do projeto: "No ressoar dos tambores práticas e representações na história dos maracatus-nação no Recife (1920-1960)". O objetivo central analisar as relações entre as práticas e representações na história dos maracatus-nação na cidade do Recife, buscando estudar as transformações que marcaram a história e a trajetória dos grupos, uma vez que a maioria dos estudos abordam os maracatus-nação nos seus aspectos antropológicos e/ou folclóricos, sem priorizar a

	manifestação na sua dinâmica histórica. Nesse sentido, este trabalho visa analisar as representações construídas ao longo do século XX.
Negritude e Africanidade: identidade negra e candomblé nas políticas públicas em Pernambuco e Bahia.	A pesquisa tinha como objetivo evidenciar, as relações entre políticas públicas e políticas de identidade nos movimentos étnico-raciais. Isso se fez, apresentando a presença irreduzível de formas de religiosidade na identidade compósita de muitos dos participantes, simpatizantes ou antagonistas daqueles movimentos, desenvolvendo um estudo comparativo entre os estados de Pernambuco e Bahia.
Kossi Ewé Kossi Orixá: Percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa.	A pesquisa tinha como objetivo investigar os significados atribuídos a natureza por sacerdotes e adeptos das religiões afro-brasileiras nas cidades de Recife e João Pessoa; estabelecer uma comparação entre os significados e as práticas vivenciadas dentro das casas de culto e a representação do candomblé como "religião ecológica"; analisar a dinâmica da interação entre os diferentes atores (lideranças religiosas, lideranças dos movimentos sociais negros e militantes ecológicos) no processo de produção desse discurso.
Transmissibilidade Intergeracional, Pobreza e Desigualdade Racial: visões e percepções	A pesquisa tinha como principal objetivo investigar os fatores intervenientes das desigualdades raciais na educação brasileira, em particular entre a população jovem da Região Nordeste, tendo como principal objetivo de capturar a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre diversos fatores que influenciam a decisão de continuar ou desistir nos estudos: a entrada precoce no mercado de trabalho; e o papel e importância dos pais nesses processos.
NEGOCIANDO A TRADIÇÃO: Religiões afro-brasileiras e esfera pública	A pesquisa tem como objetivo central investigar o modo como está se dando a participação dos representantes das religiões afro-brasileiras nos espaços institucionais de formulação e negociação de políticas públicas e nos fóruns e espaços de articulação da sociedade civil.

Fonte: www.fundaj.gov.br

Após esse momento de identificação das pesquisas utilizados iremos dividir nossas análises em duas partes sendo a primeira caracterização dos dados referentes aos os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas e as abordagens teórico-metodológicas das pesquisas, e a segunda faremos as análises das concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais e as principais contribuições pedagógicas das investigações em questão.

4.2- Caracterização dos sujeitos, Objetos, Campos, Empíricos, Marcos Teóricos e Principais Achados das Pesquisas

Quadro-06 Caracterização dos dados		
Sujeitos	Ancestralidade	Povos de terreiros Membros de grupos culturais\maracatus
	Periferia	Crianças, jovens e professores de escolas periféricas
Objetos	Ancestralidade não e Escolar	Religiões afro-brasileiras e a natureza Religiões afro-brasileiras e políticas públicas e políticas de identidade História dos maracatus-nação de Recife
	Periferia Escolar	Jovens negros no ambiente escolar\ causas da evasão escola Crianças negras no ambiente escolar\racismo na escola
Campos empíricos	Ancestralidade Campo não Escolar	Terreiros de candomblé e umbanda\ Recife e Paraíba Grupos culturais de maracatus da cidade de Recife
	Periferia Campo Escolar	Escolas de periferias
Marcos teóricos	Teorias Críticas Eurocêtricas	Marxismo neomarxismo (Habitus, cultural, social e simbólico- Pierre Bourdieu)
	Téorias pós-Críticas- Eurocêtricas	Pluralismo étnico e multiculturalismo Racismo e anti-racismo na educação Estudos culturais Antropologia Social Estudos culturais -Estudos Sociais e Culturais Cultura popular Culturas híbridas Estudos Históricos Cultura e História Urbana

Fonte: www.fundaj.gov.br

Os sujeitos, objetos e campos empíricos das pesquisas analisadas são aqueles e aquelas que foram historicamente silenciados. Sobre os sujeitos investigados, eles estão ligados a dois territórios: o primeiro diz respeito ao território da ancestralidade africana os quais se referem os povos de terreiros e maracatus; o segundo trata das crianças, jovens e professores de escolas de periferia. Estes elementos analisados das pesquisas são referentes ao que os autores chamam de Diferença Colonial, ou seja, mesmo com a tentativa da Colonialidade intencional homogeneizar os sujeitos subalternizados e seus territórios, as pesquisas evidenciam a luta pela garantia do direito à diferença.

Destacamos também que as pesquisas que tratam das temáticas ligadas à ancestralidade têm como campo empírico o espaço não escolar, tais pesquisas focam na discussão da religiosidade de matriz africana e sua relação com a natureza e com as políticas públicas e de identidade. Notamos aqui uma aproximação das pesquisas com a preocupação da

Decolonialidade da Natureza, pois busca compreender a relação espiritual entre o ser humano e a natureza, ao contrário da perspectiva da Colonialidade da Natureza (WALSH, 2008). Aqui também percebemos a preocupação de investigar a identidade racial como elemento fundante e constitutivo dos povos de origem africana no Brasil. Isto é, a tensão entre a Política de Identidade promovida pelo Estado-Nação Uni-identitário e a Identidade na Política enquanto afirmação dos povos subalternizados enquanto sujeitos históricos e também epistêmicos.

Um elemento importante nas pesquisas fora do ambiente escolar refere-se a aspectos da manifestação cultura da população negra, à exemplo dos Maracatus Nações⁴, como podemos ver na investigação de Eduardo de Aquino Fonseca:

o espetáculo/homenagem “Noite dos Tambores Silenciosos”, e ocorre desde então toda segunda-feira de carnaval no Pátio do Terço, localizado no Bairro de São Jose, espaço central da cidade. O evento é um marco de uma longa trajetória na história dos maracatus-nação, tomando-os como símbolos da cultura negra, e marcando também a sua significativa contribuição para a afirmação de uma identidade" (2001, p. 9).

O Maracatu Nação é um exemplo de uma ação cultural dos povos negros na afirmação de suas identidades. Esta ação cultural é notadamente uma práxis política de resistência histórica que tem se consolidado simbolicamente na Noite dos Tambores Silenciosos como verificamos na pesquisa de Rosalira dos Santos Oliveira:

o início da década de setenta os maracatus foram proibidos de circular pelo centro da cidade nos dias de carnaval e a Noite dos Tambores Silenciosos quase não se realizou. De acordo com alguns intelectuais e folcloristas, os tambores dos maracatus corriam o sério risco de serem silenciados permanentemente. E com eles uma rica história dos afro-descendentes da cidade do Recife que em torno dos maracatus constituíam redes sociais, de solidariedade, para diversão, além de cumprirem obrigações para com os orixás (2006, p. 2).

As pesquisas destacam o papel da religiosidade de matriz africana na sociedade civil e na construção dialógica de políticas públicas como podemos verificar na pesquisa de Ronaldo Sales Júnior,

a presença dessas religiões como atores políticos tem sido cada vez mais comum tanto nos fóruns e espaços de articulação da sociedade civil, quanto

⁴ Maracatus Nação é uma manifestação cultural de origem pernambucana. Trata-se do mais antigo ritmo afro-brasileiro. É formado por um conjunto musical percussivo que acompanha um cortejo real, os grupos apresentam o espetáculo repleto de simbologias e marcado pela riqueza estética pela musicalidade. O momento de maior destaque consiste na saída às ruas para desfiles e apresentações no período carnavalesco.

nas plenárias, conferencias e em outros espaços de negociação com o poder público, nas suas mais diferentes instancias. Uma das formas como essa participação vem ocorrendo e através da importância que assumem as expressões da religiosidade afro-brasileira no discurso dos movimentos sociais negros (2009, p. 13).

A religiosidade dos povos negros assume uma função importante na afirmação de sua participação política como também na consolidação da identidade negra. Desta maneira, a dimensão religiosa tanto contribui para a Decolonialidade do Ser como da própria Natureza, haja vista que um de seus princípios constitutivos é a relação com a natureza.

Além da dimensão de afirmação da identidade negra, as religiões de matriz africana também têm contribuído para o exercício da inclusão e respeito da natureza. Como afirma Rosalira dos Santos Oliveira, estas religiões “não simplesmente como uma religião, mas talvez como a mais apropriada para a nossa época: a mais democrática/inclusiva; a mais ecológica; a mais antiga de todas - anterior a própria religião dominante, a católica (2010, p. 13).

Outro aspecto da religiosidade de matriz africana enquanto uma ação de Identidade na Política é ressaltado na pesquisa de Ronaldo Sales Júnior:

em sua luta contra-hegemônica, os movimentos sociais negros buscam postular uma unidade de base do “mundo negro” que inclua não só a diáspora, mas os diferentes povos africanos. Essa vocação foi encarnada nas comunidades religiosas que preservaram “os sistemas simbólicos e rituais que elas herdaram” (2009, p. 20).

A religiosidade do povo negro tem sido um território material e imaterial de resistência e de afirmação da Cultura e Identidade Negra. Assim, os povos negros no Brasil têm em suas religiões espaço e tempo contra-hegemônico, de resistência as Heranças Coloniais.

Percebemos na pesquisa intitulada: Kossi Ewé Kossi Orixá: percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa da autora Rosalira dos Santos Oliveira, mostra o aumento no interesse de discutir temas relacionados aos povos negros devido às reivindicações dos movimentos sociais:

nos últimos anos, o estudo das religiões afro-brasileiras tem ganhado força, principalmente entre jovens pesquisadores. Grande parte deste recente interesse pelo tema se deve as mudanças que estas religiões têm sofrido, bem como as transformações sociais, políticas e culturais pelas quais tem passado o Brasil, apontando para conquistas dos chamados afro-descendentes (2010, p. 34).

Portanto, o crescimento das pesquisas sobre religiões afro-brasileiras é consequência de movimentações que ocorrem fora do mundo acadêmico, isto é, da luta dos povos que foram historicamente subalternizados e silenciados. Os jovens pesquisadores tornam-se sensíveis a estas questões, possibilitando novos olhares epistêmicos sobre a religiosidade de matriz africana.

Destacamos ainda a discussão sobre o racismo no espaço escolar, tendo como campo empírico as escolas de periferia (territórios da Diferença Colonial) e focadas em compreender a situação de crianças, jovens e professores diante do racismo escolar. Tais pesquisas colocam em questão a falsa ideia da Democracia Racial⁵ tão propagada no Brasil. Estes estudos deixam claro o processo de Racialização que o povo brasileiro passou e a Herança Colonial que ainda está bem presente. Em confronto com a ideia de Democracia Racial, fica evidenciado nas pesquisas o racismo enquanto elemento constitutivo da sociedade brasileira e sua presença no âmbito escolar.

Assim, notamos a preocupação das pesquisas em expor o racismo no âmbito da escola e como essa prática pode influenciar na decisão dos estudantes em continuar ou desistir da vida escolar e também na sua vida profissional, como podemos verificar na pesquisa de Henrique Guimarães:

a pesquisa centrou-se nos determinantes da desigualdade educacional, de que maneira a interação entre raça e classe pode influenciar nas escolhas educacionais e profissionais desses jovens, cujo objetivo principal foi o de analisar a trajetória educacional e ocupacional de jovens na Região Nordeste e como a origem social (classe social, gênero e raça) interage com esses fatores e processos (2011, p. 34).

Desta forma, o racismo deixa suas marcas nas vidas dos indivíduos dentro e fora da escola e influencia a construção da identidade desses sujeitos. O não enfrentamento do racismo consolida o processo de Colonialidade do Poder e do Ser, ou seja, a naturalização do racismo colabora para manter as relações de Racialização da sociedade (Colonialidade do Poder) e fazer com que os sujeitos racializados aceitem sua condição imposta de inferioridade (Colonialidade do Ser). As pesquisas citadas contribuem para o momento contrário, de evidenciar os efeitos do racismo na escola e apontar suas superações aproximando-se da Decolonialidade tanto do Poder como do Ser

⁵ Termo que denota a ideia que o Brasil escapou do racismo e da discriminação racial vista em outros países, mas especificamente, como nos Estados Unidos.

Como o racismo é uma construção mental da ideia de raça (QUIJANO, 2005), fruto de um padrão de dominação colonial fundado na racionalidade eurocêntrica, este (o racismo, enquanto uma ideologia) precisa da escola para sua disseminação. Mas, a escola situa-se no território da Diferença Colonial, então, também pode ser o lugar da contestação do racismo e de seus efeitos. Acreditamos que o movimento de investigar a população negra da periferia nas escolas públicas contribui para evidenciar as tensões que constituem os territórios da Diferença Colonial como é, por exemplo, o caso da escola. Apoiando-nos na pesquisa desenvolvida por Henrique Guimarães, frisamos a tensão que vive a escola no cenário da Diferença Colonial:

se, por um lado, há a crença na educação como a redentora dos males sociais, por outro estudos e pesquisas revelam que ela é um dos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais que promovem e estabilizam uma clivagem racial, separando e hierarquizando negros e brancos em dois grupos bastante distintos: do ponto de vista da apropriação da riqueza socialmente produzida e do processo de escolarização, no particular (2011, p. 70).

Vemos aqui a importância da pesquisa de revelar as contradições que permeiam o cotidiano escolar para que possamos enfrentar o racismo e seus efeitos.

A pesquisa: **À Flor da Pele -A violência do preconceito dirigido às crianças negras na escola – Educação e Racismo: a representação do negro no espaço escolar** da autora Waléria Menezes traz os processos de Colonialidade do Poder presente na sociedade brasileira:

as diferenças se acentuaram, levando a formação de uma hierarquia de classes que deixava evidentes a distância e a diferença de prestígio social entre colonizadores e colonos. Os índios e, em especial, os negros, permaneceram em situação de desigualdade situando-se na marginalidade e na exclusão social, sendo esta última compreendida por uma relação assimétrica em dimensões múltiplas – econômica, política, cultural (2003, p. 2).

Para nós, a autora comunga com as críticas elaboradas pela teoria dos Estudos Pós-Coloniais. Estudos esses que nos ajuda a compreender os efeitos do racismo hoje como Herança Colonial da dinâmica do colonialismo, que se faz presente através da Colonialidade.

No que diz respeito às pesquisas realizadas fora do ambiente escolar, percebemos que os principais achados das pesquisas apontam que as religiões de matriz africanas aparecem como religiões ecológicas por sua ligação com a natureza e com uma de suas características a participação ativa de seus membros sujeitos. Este fato apresenta uma aproximação com a ideia de Decolonialidade da Natureza e do protagonismo dos negros em sua religiosidade.

Em relação às investigações desenvolvidas no espaço escolar das periferias, visualizamos a presença da Colonialidade do Poder quando há valorização do padrão branco\ europeu destacamos que, apesar das reivindicações dos movimentos sociais e das implementação das Leis nº10.639/03 e a 11.645/08, a escolar ainda não se libertou do processo Colonização-Colonialismo, há a predominância dos efeitos do racismo no âmbito escolar quando ocorre naturalização de uma Padrão Eurocentrado a ser seguido pelas crianças e jovens negros do fortalecendo a ideologia do branqueamento racial dos caracteres físicos como: o alisamento do cabelo, plástica no nariz e boca, etc. Segundo Waléria Menezes, esse processo de “busca do branqueamento racial” provoca um intenso sofrimento social e psíquico, conduzindo a autodesvalorização, ao conformismo, a atitude fóbica a sua imagem, pois o rosto não corresponde aos valores e interesses esperados. (2003, p. 29)”.

A autora expressa ainda que essa busca pelo branqueamento se dá pela forte valorização das características do branco como ideal de beleza:

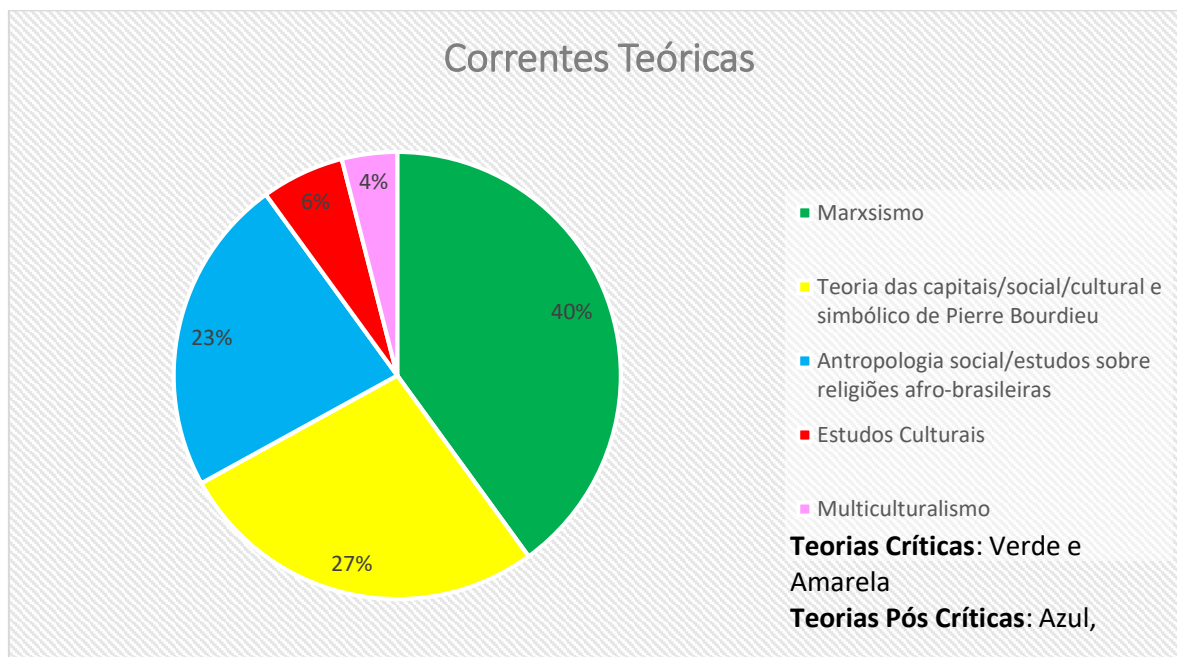
muitos negros são induzidos a acreditar que sua condição inferior é decorrente de suas características pessoais, deixando de perceber os fatores externos, assumindo a discriminação exercida pelo grupo dominante. Nesse momento, surge a idealização do mundo branco e a desvalorização do negro, construindo-se a seguinte associação: o que é branco e bonito e certo; o que é negro e feio e errado (2003, p. 22).

Observamos neste trecho que os negros são induzidos a naturalizar sua condição inferior devido a um padrão hegemônico-branco que é imposto a eles. Dessa forma visualizamos a Colonialidade do Ser, ou seja, não apenas a criação do estereótipo de inferior, mas o esforço de torná-lo natural para que haja a aceitação passiva por parte desses sujeitos.

As pesquisas na escolha dos seus campos e sujeitos se aproximam da Perspectiva Pós-Colonial de pesquisa, questionam os processos euro-urbanocêntricos e raciais de seleção e de legitimação de objetos, como também coloca em questão a forma que se produz conhecimento científico, respeitando pluralidade epistemológica e identitária para melhor dialogar com as diferenças.

Neste momento mostraremos os principais marcos teóricos utilizados como referências das pesquisas em questão, da qual se destacaram as Teorias Críticas tendo como principal corrente teórica o Marxismo e nas Pós-Críticas temos como referência a Antropologia Social que focam seus estudos nas religiões afro-brasileiras. No gráfico 01- as correntes teóricas mostraremos esses dados:

Gráfico-1



Observamos que as abordagens teóricas metodológicas das pesquisas que centraram seus estudos nas escolas, são aquelas inspiradas no marxismo, ou seja, eurocêntrica da qual dividimos em duas, sendo a primeira as teorias pós-críticas tais quais: pluralismo étnico, multiculturalismo, estudos culturais e estudos sobre racismo e anti-racismo no ambiente escolar, mas centrada no território epistêmico de enunciação eurocêntrico; e a segunda, teorias críticas das quais destacamos o neomarxismo expresso na discussão do capital cultural, simbólico e social de Pierre Bourdieu. É evidente a grande contribuição desses pensamentos sobre a análise da lógica do capitalismo na sociedade moderna, os conflitos de classes e a organização produtiva e sua relação com o racismo. Entretanto, estas Teorias não problematizaram com profundidade as discussões de raças e os estudos sobre relações raciais na educação.

Ressaltamos que a predominância da corrente Marxista utilizada pelos autores das pesquisas em questão, apresentam traços do racismo epistêmico, pois mesmo que as pesquisas centrem seus estudos na inserção conflituosa de crianças e adolescentes negros nas escolas, encontramos um distanciamento epistêmico com as chamadas Epistemologias do Sul e estudos que ocorrem tanto na África quanto na América Latina.

Mas destacamos que as pesquisas produzem reflexões que, ao nosso ver, têm aproximação com as discussões referente aos Estudos Pós-Coloniais, mas especificamente

sobre a Colonialidade e Decolonialidade, pois elas se voltam contra a narrativa evolucionista eurocêntrica que por muito tempo justificou e ainda justifica ideologicamente os processos de colonização e racialização da sociedade moderna e, principalmente, da escola. Vejamos o que a autora Waléria Menezes diz em sua pesquisa intitulada **“À Flor da Pele – A violência do preconceito dirigido às crianças negras na escola – Educação e Racismo: a representação do negro no espaço escolar”**:

a sociedade brasileira caracteriza-se por uma pluralidade étnica, produto de um processo histórico que inseriu num mesmo cenário três grupos distintos: Portugueses, índios e negros de origem africana. Esse contato favoreceu o intercuro dessas culturas, levando a construção de um país miscigenado, multifacetado, ou seja, uma unicidade marcada pelo antagonismo e pela imprevisibilidade. Apesar do intercuro cultural descrito acima, esse contato desencadeou alguns desencontros. As diferenças se acentuaram, levando a formação de uma hierarquia de classes que deixava evidentes a distância e a diferença de prestígio social entre colonizadores e colonos (MENEZES, 2003, p. 2).

Ao mencionar esse trecho percebemos que a autora comunga com as críticas elaboradas pelos Estudos Pós-coloniais. Estudos esses que nós ajuda a romper com essa história única e eurocêntrica, evidenciando as relações de poder que estão por trás da produção de conhecimento.

Percebemos que as abordagens teórica-metodológicas das pesquisas que focaram seus estudos sobre as religiões afro-brasileiras, são: as teóricas pós-críticas tendo como principal corrente a Antropologia Social; e as teorias críticas tendo como principal representante o Marxismo. É evidente que essas correntes são eurocêntricas, como as utilizadas pelos pesquisadores que discutiram a inserção do negro na escola, assim destacamos novamente a materialização de um racismo epistêmico, em que o pensamento eurocêntrico passa a ser uma única epistemologia válida, desconsiderando demais formas de produzir conhecimentos (QUIJANO, 2007).

Sendo assim, o Marxismo oferece um método específico para a análise social da sociedade moderna, no que tange os conflitos de classes e a organização produtiva. Esta é uma teoria sobre a evolução da sociedade que pretende explicar cientificamente o capitalismo, foi por meio dela que muitas análises críticas emergiram dentre eles está a antropologia social que, a nosso ver, nos aproxima com que os autores chamam de Diferença Colonial, pois mostra a riqueza cultural que há no mundo a partir das diferenças presentes nos costumes dos mais variados povos.

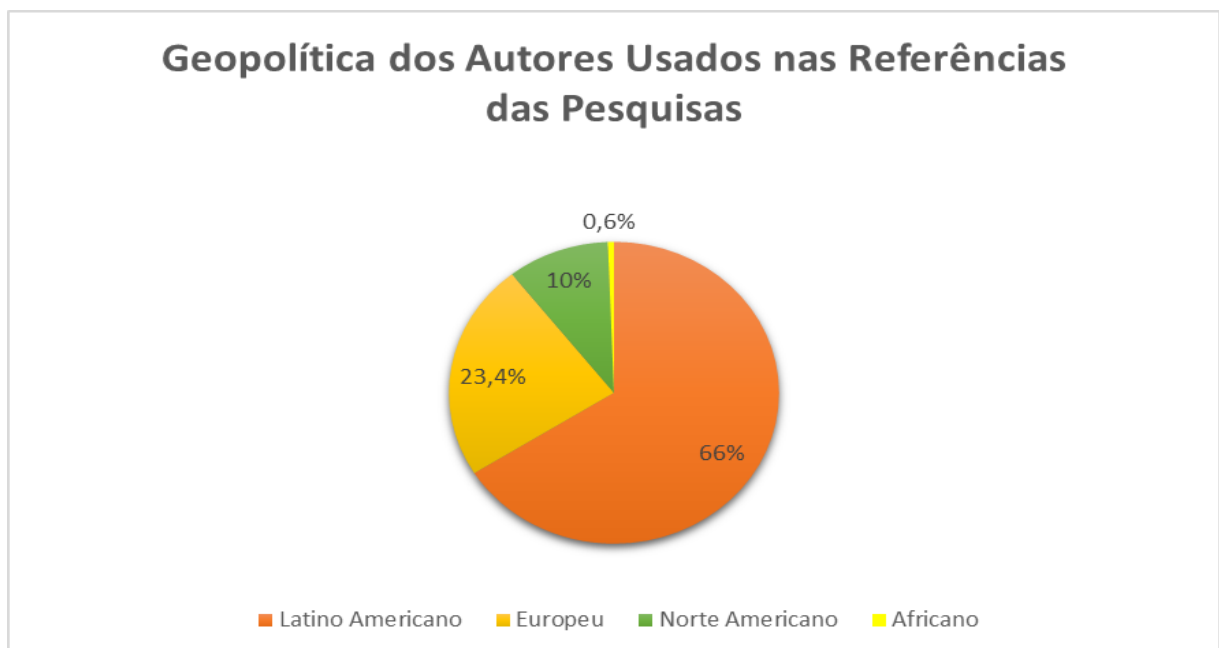
Neste contexto vejamos o que, a autora Rosalira dos Santos Oliveira diz em sua pesquisa **“Negociando a Tradição: Religiões afro-brasileiras e esfera pública”**:

a Antropologia social investiga as questões culturais que envolvem o homem, sendo seus costumes, mitos, valores, crenças, rituais, religião, língua, entre outros aspectos, fundamentais na formação do conceito de cultura antropológico. São conceitos trabalhados pela antropologia social as noções de cultura e de alteridade (2012, p.8).

Vemos aqui a importância desses estudos para contemplar toda essa diversidade cultural que existem em nossa sociedade, dando visibilidades as diferenças, nota-se aqui um distanciamento com os conceitos de Racionalização e Racialização, que busca subalternizar os modos de vida, o modo de ser, os conhecimentos as epistemologias dos sujeitos colonizados.

Após evidenciamos as correntes teórico-metodológicas das pesquisas, iremos mostrar o estudo da geopolítica dos autores, para fazemos uma análise da nacionalidade dos autores usados pelos pesquisadores nas referências. Vejamos o gráfico 02 Geopolítica dos Autores Usados nas Referências das Pesquisas esses dados:

Gráfico-02



A Geopolítica Epistêmica das pesquisas através da relação entre os autores e autoras e as correntes teóricas apresentam traços do racismo epistêmico por vários motivos, são eles:

1. Mesmo com a predominância dos autores e autoras latino americanos (66%), nas referências das pesquisas, destacamos que: somente aparecem dois autores sem ser

brasileiros (dois argentinos); e estes tomam o Marxismo como principal referência teórica. O que chamamos de Eurocentrismo de segunda fonte;

- 2 Os autores e autoras europeus e norte-americano ainda possuem uma influência direta na constituição dos marcos teóricos, o que denominamos de Eurocentrismo de primeira fonte;
- 3 Mesmo discutindo questões relacionadas ao racismo e a ancestralidade africana da população negra brasileira, apenas 0,6% dos autores são do continente africano. Este fato ratifica ainda, ao nosso ver, o Racismo Epistêmico;
- 4 Ainda no que diz respeito às fontes latino-americana, percebemos como os autores e autoras brasileiras dialogam pouco com teóricos deste continente (América Latina) e como estão próximos da Europa e sua extensão (América do Norte).

A Geopolítica que apresentamos a partir das pesquisas investigadas nos mostra o distanciamento epistêmico entre elas e as chamadas Epistemologias do Sul, principalmente com os estudos que ocorrem na América Latina e na África sobre temas relacionados com a questão racial.

4.3- Caracterização das concepções de educação das Relações Étnico-Raciais e das principais contribuições pedagógicas.

Destacamos a seguir a identificação e caracterização que realizamos dos dados, em que dividimos as pesquisas em dois grupos, sendo o primeiro as pesquisas que focaram seus estudos no contexto escolar, e o segundo sobre as que discutiram em suas temáticas as religiões de matriz africana. Mostraremos a seguir o quadro referente as pesquisas realizadas nas escolas, vejamos:

Quadro 07- Pesquisas que focaram suas temáticas nas escolas de periferias	
Concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais	Principais contribuições pedagógicas
1-Hierarquias de raças no ambiente escolar (Crianças e jovens negros)	1-Educação das Relações Étnico-raciais

Lugar do negro na escola Marcas do preconceito racial - Espaço de tensão racial. Construção da identidade • Referências de beleza • Negação Espaço de insultos e piadas	Educação das relações étnico raciais como uma importante ferramenta para o enfrentamento do racismo Importância da formação de professores sobre a Educação das Relações étnico-raciais. Igualdade racial
2- interseccionalidade (Raça e classe social)	2-Educação das Relações Étnico-raciais
Fatores que afetam os jovens negros e brancos Continuar ou desistir dos estudos Evasão escolar e repetências Entrada precoce no mercado de trabalho Interação entre raça e classe social. Evasão escolar e repetências Trajetórias escolares de jovens	➤ Relação entre classe e raça

Fonte: www.fundaj.com.br

No que diz respeito às concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais, visualizamos os seguintes conceitos: o primeiro diz respeito a hierarquização de raças no contexto escolar; o segundo traz a interseccionalidade educacional de jovens negros e brancos. Estes elementos analisados das pesquisas são referentes ao que os autores chamam de Decolonialidade, ou seja, mesmo com a tentativa da Colonialidade de naturalizar a inferioridade dos sujeitos subalternizados as pesquisas evidenciam, esse contato conflituoso no ambiente escolar, permeado de preconceitos e discriminações.

Vejam os a seguir um trecho da pesquisa de Waléria Menezes que mostra claramente a hierarquização de classes presente nas escolas:

um dos aspectos que daria margem a esse questionamento seria a observação do método de ensino adotado pela instituição, o qual parece encontrar-se pautado em um padrão que atende as necessidades de um grupo dominante; e dentro de uma compreensão monolítica, desconsideram-se a pluralidade cultural presente em uma sala de aula (2003,p. 94)

Percebemos aqui a presença da Colonialidade do Poder, pois há uma valorização do padrão branco\ europeu por parte dos conteúdos escolares, que ainda não se libertaram do

processo de colonização\colonialismo, e isto ocasiona o preconceito a discriminação racial nas escolas, fazendo com que a relação estabelecida entre crianças brancas e negras numa sala de aula aconteça de modo tenso, ou seja, segregando, possibilitando que a criança negra adote em alguns momentos, uma postura introvertida, por medo de ser rejeitada ou ridicularizada pelo seu grupo social.

Ainda sobre a discursão do negro no espaço escolar, temos o conceito da interseccionalidade, em que buscou entender de que maneira a interação entre raça e classe pode influenciar na decisão dos jovens negros em continuar ou desistir de estudar. Henrique Guimarães em sua pesquisa intitulada **“Transmissibilidade Intergeracional, Pobreza e Desigualdade Racial: visões e percepções”**, nos mostra bem como isto acontece vejamos:

para compreender esse fato, podemos pensar em alguns indicadores, a exemplo do alto percentual dessa população que se encontra abaixo da linha da pobreza. Há uma necessidade de ingresso no mercado de trabalho de modo precoce, para complementar a renda familiar, comprometendo o bom desempenho e a permanência em sala de aula. Pode ser levantada, ainda, a possibilidade da escola ser um referencial de fracasso, já que os alunos "não conseguem aprender", embora isso não seja impedimento meramente cognitivo, mas uma possível dificuldade de inserção das crianças negras no espaço escolar, por se sentirem "excluídas"; trata-se de uma exclusão simbólica, já que a criança tem acesso a matrícula e a sala de aula, mas não é aceita no contexto mais amplo (2011,p.75).

Essa rejeição vai se tomando perceptível com a observação do cotidiano escolar, que apresenta imagens caricatas nas ilustrações em cartazes, livros didáticos, ou ausência dos negros em datas comemorativas, como o Dia das Mães, em geral representadas por uma família branca, o que leva a criança negra a não se reconhecer nas mesmas. É possível observar essa exclusão por meio da demonstração de preconceito proveniente de colegas e, até, de professores que violentam a imagem da criança negra com insultos. Existe, ainda, uma ausência de conteúdos que problematizem a temática negra nos currículos escolares, privando essa população de conhecer a sua história, que vai além da escravidão.

Em relação às principais contribuições pedagógicas, as pesquisas apontam para uma discussão sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais como uma importante ferramenta para o enfrentamento do racismo na escola. Dessa forma, percebemos que as pesquisas apresentam uma aproximação com a Decolonialidade, quando mostra que é preciso fazer um caminho inverso, proporcionando a ressignificação dos referenciais étnicos. Para isso, é necessário que a escola se reconheça como ainda de espaço de discriminação racial e que parta desse fato para

construir uma proposta pedagógica que inclua discussões horizontalizadas a respeito das diferenças presentes, resgatando valores culturais, dando maior visibilidade, tanto a estes, quanto as contribuições sociais das matrizes africanas, até então negadas pela cultura dominante.

Nesse processo, a escola é um espaço privilegiado, pois constitui um ponto de encontro das diferenças étnicas, podendo ser um instrumento eficaz para a reconstrução dos referenciais distorcidos pelo preconceito que dilaceram a autoestima e a identidade da criança negra.

Vejamos agora o quadro referente à caracterização das pesquisas que centraram seus estudos sobre as religiões afro-brasileiras.

Quadro 08- Caracterização das Pesquisas sobre Religiões afro-brasileiras e Maracatus	
Concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais	Principais contribuições pedagógicas
1- Ancestralidade Africana	1- Educação ambiental
Ligação com a natureza Tradição e preservação Religião e meio ambiente relações possíveis	Estudos sobre as religiões afro-brasileiras e sua ligação com a natureza.
2- Protagonismo Negro (Povos de terreiros)	2- Ativismo negro (luta por direitos)
Políticas Públicas e Políticas de Identidades. Participação em fóruns, conferencias Formulação de Políticas Protagonismo negro As articulações políticas de ação afirmativa.	Estudos sobre a participação dos povos negros, na busca por políticas públicas.
3-Elemento cultural (Maracatus-nação no Recife)	3-Educação Cultural
Estudos dos Maracatus-nação relacionados: • Práticas • Representações • História	Importante elemento cultural para a população negra Pernambucana.

www.fundaj.com.br

Observamos que às concepções de Educação das Relações Étnico-Raciais, as pesquisas centram seus estudos nos povos de terreiros e sua interação com a natureza, e na busca por

direitos em participações em políticas públicas e de identidades. Notamos aqui uma preocupação das pesquisas com a Decolonialidade da Natureza, perspectiva essa que vai contrariar a Colonialidade da Natureza, pois mostra a importância da natureza para as religiões afro-brasileiras. Aqui também percebemos que esses povos estão cada vez mais se articulando na participação em conferências e fóruns. Estamos diante de um processo de reconstrução identitária das religiões afro-brasileiras que está imbricado nas (re) construções identitárias do "povo negro", suas buscas por afirmação, valorização de sua cultura e religiosidade etc.

Nesta perspectiva vejamos o que Rosalira dos Santos Oliveira diz em sua pesquisa **“KOSSI EWE, KOSSI ORIXA: Percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa”**:

no que tange especificamente as religiões afro-brasileiras, vemos que as mesmas ganharam ultimamente bastante visibilidade social. Se considerarmos que até mais ou menos a década de sessenta do século XX, eram oficialmente perseguidas e estavam impedidas de se expressarem como religião - sendo consideradas seitas ou folclore e dependiam de registros em delegacias de costume e diversão para atuarem - perceberemos como foi significativa a mudança ocorrida ao longo de algumas décadas. De lá para cá, acompanhando os movimentos da sociedade, elas vão conquistando o direito de serem reconhecidas como religião, em pé de igualdade com as outras religiões hegemônicas no Brasil, mesmo que ainda não tenham usufruído plenamente tal prerrogativa (2010, p. 67).

A autora nos diz neste trecho que as religiões afro-brasileiras, estão em evidencia. Deixaram de ser religiões étnicas e locais para se universalizarem é se tornarem protagonistas nos aspectos culturais, sociais e políticos da sociedade.

Um elemento importante cultural que percebemos nas pesquisas que focaram seus estudos sobre as religiões afro-brasileiras refere-se a aspectos ligados a manifestação da cultura dos povos negros à exemplo dos Maracatus nação, como podemos visualizar na investigação de Sylvia Couceiro Costa:

na atualidade os maracatus-nação constituem um forte icone da cultura pernambucana, principalmente devido a incorporação de sua sonoridade na musica produzida pelas bandas locais surgidas nos anos 1990 (2006, p. 82).

Neste trecho, percebemos a importância dos maracatus-nação, para a cultura e identidade dos povos negros em Pernambuco. A autora também traz uma reflexão acerca que, de acordo com alguns intelectuais e folcloristas, os tambores dos maracatus corriam o sério

riscos de serem silenciados, e com eles uma rica história dos afro-descendentes da cidade do Recife. Esse silenciamento foi ocasionado devido sua interação com as religiões afro-brasileiras que por muito tempo foram e ainda são marginalizadas, por conta das marcas deixadas pelo processo de Colonialismo\Colonização que buscou inferiorizar e desvalorizar tudo que estava relacionado a cultura dos povos negros.

Assim Sylvia Couceiro da Costa nos mostra a importância de estudos sobre os maracatus-nação relacionados as práticas das religiões afro-brasileiras, vejamos o que a mesma diz no seguinte extrato:

não é demais reafirmar que na historiografia pernambucana há uma imensa carência de estudos a respeito da história dos afro-descendente e suas práticas culturais. As novas tendências dos estudos históricos nos permitem hoje estudar manifestações como os maracatus-nação em sua complexidade, devido as suas relações com as religiões e as comunidades afro, aspectos que a historiografia mais tradicional não enfocava, preocupada que estava com outras temáticas relacionadas a história das elites (2006, p. 3).

Para Sylvia é preciso desconstruir a ideia de que já se escreveu o suficiente sobre a compreensão da história dos maracatus-nação, pois a grande maioria dos estudos que aborda essa temática e de cunho antropológico, da qual destaca-se os estudos folclóricos que não priorizam a sua historicidade. Nem procuram entendê-lo como construção social, se aproximando, assim, da Perspectiva Tradicional, que concede e realiza a pesquisa fundada na lógica do eurocentrismo e tem a missão de difundir e consolidar uma cultura comum de base ocidental e eurocêntrica, silenciando e/ou visibilizando vozes, saberes, cores, e sensibilidades (CANDAU; RUSSO, 2010).

Neste momento iremos destacar as principais contribuições pedagógicas das pesquisas que tiveram como foco de estudo as religiões afro-brasileiras, para isto dividimos em três categorias: sendo a primeira contribuição a discussão de uma Educação Ambiental; a segunda o Ativismo Negro e a terceira a Educação Cultural. Dessa forma, as pesquisas ao relacionar a interação entre religião e natureza mostra a preocupação com o meio ambiente, que para os adeptos dessas religiões é de suma importância, neste sentido vejamos o que a autora Rosalira em sua pesquisa **KOSSI EWE, KOSSI ORIXA: Percepções sobre a natureza entre adeptos das religiões afro-brasileiras em Recife e João Pessoa** tem a nos dizer:

respeitar as religiões afro-brasileiras é uma forma de assegurar também o “futuro do planeta”, pois se trata de uma visão de mundo, ou tradição que respeita a natureza, que nos ensina a "co-habitar com a terra, zelar por ela ao mesmo tempo em que se extrai seu sustento dela"(2010, p.76)

Para nós a autora nos passa que as religiões afro-brasileiras são reconhecidas como religiões de matriz da natureza, pois para elas a natureza possui uma importância central, devido os orixás que são os representantes míticos de cada elemento da natureza; do fogo, da água, das folhas, do ar. E nesta visão que relacionamos a ligação dessas religiões com o meio ambiente a perspectiva de Educação Ambiental, pois a mesma tem como princípio a conscientização dos indivíduos sobre os problemas ambientais e como ajudar a combatê-los, conservando as reservas naturais e preservar o patrimônio ambiental, vemos neste extrato a aproximação dessa pesquisa com a Decolonialidade da Natureza, pois busca entender a relação espiritual entre religião é o ser Humano.

No que se refere a categoria que traz como contribuição pedagógica o ativismo negro, vemos novamente a religiosidade dos povos negros presente na busca por direitos. Vejamos o que Rosalira dos Santos Oliveira diz em sua pesquisa **NEGOCIANDO A TRADIÇÃO: Religiões afro-brasileiras e esfera pública, sobre a como se dar essa participação desses atores:**

é neste contexto que as religiões afro-brasileiras vêm sendo encaradas pelos movimentos sociais negros como um componente indispensável da construção/afirmação da identidade negra e africana. Mais do que o resultado de uma mudança na dinâmica interna das religiões, esta postura está diretamente relacionada às mudanças ocorridas nos pressupostos políticos do movimento negro (2012, p. 12).

Vemos aqui a associação entre as religiões afro-brasileiras e os movimentos sociais negros que nos últimos tempos se rearticularam na denúncia do mito da democracia racial e na promoção da identificação do negro brasileiro com as suas raízes africanas. Esta vinculação vem sendo incorporada pelo Estado ao longo do processo de institucionalização das políticas de promoção da igualdade racial, favorecendo com isto a entrada das religiões afro-brasileiras, que surgem para dar mais visibilidades a esses movimentos, na busca por direitos e igualdade racial. Vemos aqui a Decolonialidade do Ser agindo para valorizar a cultura negra e a Identidade em Política materializada nas lutas desses povos subalternos, na participação da elaboração de políticas públicas e de identidade.

Ainda ao que se refere às contribuições pedagógicas temos a Educação Cultural, que buscou por meio da discussão sobre os maracatus-nação de Recife, resgatar um pouco sobre a cultura pernambucana. Assim a Educação cultural consiste em fazer as crianças e os jovens aprenderem a refletir sobre a sua própria cultura, e as demais culturas, tendo como base o respeito as diferenças, por meio dessa opção Decolonial as pesquisas ao tratarem elementos

fundantes da nossa cultura se aproximam da perspectiva de Educação imbricada na Interculturalidade crítica que se configura enquanto força de questionamentos sobre as relações de subalternização impostas aos povos colonizados.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho procuramos identificar e caracterizar, os problemas, os objetos, os sujeitos e campos empíricos das pesquisas; as principais abordagens- teórico metodológicos, as concepções de Educação das Relações Etnico-raciais e as contribuições pedagógicas das pesquisas da Fundaj, uma vez que esta instituição tem nos últimos anos expostos bastantes discursões sobre a produção acadêmica de pesquisa.

Desse modo, identificamos que as abordagens teórico-metodológicos são as teorias pós-críticas e as teorias críticas, tendo como principal base teórica o marxismo, que apesar de não ter problematizado com profundidade as questões de raças, a mesma serviu como inspiração para a elaboração de discursões sobre multiculturalismo, pluralismo étnico, estudos culturais e a antropologia social. Nesta perspectiva, visualizamos um racismo epistêmico, pois mesmo se tratando de questões relacionadas a cultura negra, há um distanciamento com as chamadas Epistemologias do Sul, e os estudos que acontecem na África.

As pesquisas em questão trazem elementos dos povos negros que se aproximam das Decolonialidade e da Diferença Colonial, ou seja, mesmo com a tentativa da Colonialidade de reafirmar a não validade das identidades de certos povos que não se enquadram com o padrão eurocêntrico, branco, masculino e cristão, evidenciamos nas pesquisas que há um reconhecimento desses sujeitos, que são expostos como sujeitos de direitos, que buscam igualdade, e se organizam para se libertar das marcas deixadas pelo Colonialismo.

É nesta perspectiva que identificamos as grandes contribuições pedagógicas que as pesquisas trouxeram, sendo na ampla discursão da Educação das Relações Étnico-Raciais em que as mesmas expõem o racismo presente nas escolas, a relação entre classe e raça na decisão dos jovens desistirem ou continuarem os estudos e a denúncia da falsa Democracia Racial, temos o Ativismo negro em que os povos negros se mostram como sujeitos que se organizam e vão em busca de mais igualdade. As pesquisas trazem como contribuições ainda as discursões centradas em uma Educação Cultural quando mostram a cultura presente nos maracatus-nação e a discursão sobre a Educação Ambiental ao relacionarem a intensa ligação entre as religiões afro-brasileiras e a natureza.

Evidenciamos a grande importância de se realizarem pesquisas sobre produção acadêmica de pesquisa na busca de desconstruir currículos e práticas permeadas pela lógica colonial eurocêntrica. Sendo assim, apesar de encontramos um quantitativo mínimo de 6 pesquisas que discutiram em suas temáticas a Educação das Relações étnico- raciais as mesmas

trazem diversas contribuições nos aspectos ligados a rica cultura dos povos negros, há uma denúncia do racismo presente nas escolas, a valorização das religiões afro-brasileiras enquanto religiões ecológicas e articuladas aos movimentos negros.

Por fim, as análises sobre as pesquisas da Fundaj nestas duas pesquisas mostram um certo avanço sobre como as instituições de pesquisas tratam as questões raciais, mesmo tendo o marxismo corrente eurocêntrica como base central. Notamos aqui, uma preocupação com os estudos relacionados a perspectiva de pesquisa Pós-Colonial, ao expressar um conhecimento constituído da pluralidade epistemológica e identitária para melhor se dialogar com as diferenças étnicas. Diante do exposto, resta-nos saber assim como as pesquisas evidenciaram a presença do racismo nas relações inter-raciais entre crianças negras e brancas no contexto escolar, se as mesmas são evidenciadas em outras realidades/escolas e qual é a postura dos professores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paulo Sérgio de. **Pertencimento Étnico-Racial e Ensino de História**. (Dissertação de Mestrado em Educação), UFSCar- São Carlos: 2006.

BRASIL. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

CAETANO, Marcelo José. Itinerários Africanos: do colonial ao Pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. **Revista de História e Estudos Culturais**. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia; Uberlândia, v. 4 n° 2, abr./maio./Jun2007. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF11/Dossie.artigo.6_Marcelo.Jose.Caetano.pdf. Acesso em: 07 agos. 2015.

CASTILLO, Madeleine Zúñiga; MALLET, Juan Ansión. **Interculturalidad y educación en el Peru**. Lima: Foro Educativo, 1997.

ESCOBAR, Arturo O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In. LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3 ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Michele. Guerreiro; SILVA, Janssen. Felipe. Perspectiva pós-colonial das relações étnico-raciais nas Práticas curriculares: Conteúdos selecionados e silenciados. **Revista Teias**, v. 14, n. 33, p. 25-43, 2013b: Dossiê Especial

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

HALL, Stuart. Da Diáspora: **Identidades e mediações culturais**. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MIGNOLO, Walter D. 2003. Histórias locais/projetos globais: **colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 505 p.

MIGNOLO, Walter D. **Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento: la lógica de la colonialidad y la postcolonialidad imperial**. Coimbra, 2005.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, Rio de Janeiro, nº. 34, 2008, pp. 287-324.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e etnia. In: Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira**. BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). Editora: Universidade Federal Fluminense Niterói RJ, p. 15 a 34, 2004.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

QUIJANO, Aníbal. 1992. **Colonialidad y modernidad-racionalidad**. In: BONILLA, Heráclito (compilador). Los conquistados: 1492 e la población indígena de las Américas. Bogotá, Tercer Mundo Editores, p. 437-447.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder y Clasificación Social. In. CASTRO-GÓMEZ, S. y GROSGUÉL, R. (Org.) **El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 93-126.

_____. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. Trad. Júlio César Casarin Barroso Silva. 3 eds., Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, da Janssen Felipe; FERREIRA, Michele Guerreiro; SILVA, da Delma Josefa. Educação das relações étnico-raciais: um caminho aberto para a construção da Educação intercultural crítica. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v. 7, n. 01, p. 248-272, mai. 2013.

SOUZA, Florentina. Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões. In: **Revista Palmares – Cultura Afro-Brasileira. Ano 1 – Nº 2 – Dezembro, 2005**. p. 64-72.

TUBINO, Fidel. La **interculturalidad crítica como proyecto ético-político**. Encuentro continental de educadores agustinos, Lima, enero, 2005, pp. 24-28.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el insurgir, re-existir y re-vivir. UMSA, **Revista Entre palabras**, Fac. Humanidades y Ciencias de la Educación, No.3 - No.4, La Paz, Bolivia, 2009, pp. 129-156.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epstémicas de refundar el Estado. **Revista Tabula Rasa**, n. 9, 2008.

WALSH, Catherine. **La interculturalidad en la Educación**. Ministério de Educación - Impreso con apoyo de UNICEF, Lima – Perú, 2005.